

dade e da Polícia — para os simples intrujões.

O *Interior* de Fernando Gahlano é um quadro de artista, como são lindas manchas de Arte duas ou três das suas paisagens, sendo uma linda e atrevida nota de côr o seu *Campo de malmequeres*, um belo naco de areia *loureira* a sua marinha — e sendo a promessa dum grande quadro e dum grande pintor o *Puchando os barcos*, em que há sol, há movimento, há côr, há vida, e há, sobretudo, em bois, que não são da ganadaria do Lopes, a garra e as unhas dum moço que sabe o que faz e fazendo o que sabe tem ganas e posses de fazer mais e melhor...

Gardy Arriaga — como lhes disse, uma gentilíssima e risonha rapariga, que eu nem de vista conhecia — não foi discípula de Loureiro, não é, sequer, aluna do Alberto Silva, e apenas guiada, de pequenita, pelo dilitantismo paterno, pendurou nas lonas do Silva Pôrto, quasi meio cento de gentilíssimas e risonhas cabecitas, em sanguineas, cheias de frescura, de espontaneidade, de leveza, de alegria, de expressão e de vida, que, noutra terra e noutra meio, fazendo a reputação barulhenta duma grande ilustradora, revelam e apontam, aqui e em toda a parte, uma das mais belas intuições artísticas, que mãos femininas de fada têm feito garatujar sorrisos, em psículos prodígios de modelação e desenho, em pequeninos milagres de graça e de côr, de expressão e de vida...

Não será, certo, uma grande Arte, a de sarrabiscar a dois ou três lápis umas pequerruchas cabecinhas, que, cheias de vida e de encanto, nos olham e nos sorriem, dando-nos, em meia dúzia de traços, ligeiros e levíssimos, a bulhosa vivacidade, a alegre malícia duns olhitos que falam, dumas boquitas que riem e que, aliantes, nos prendem na estranha mágoa da sua simplicidade e pequenez... Mas é, incontestavelmente, uma sedutora Arte, bem mulheril, bem feminina, delicada, gracil, sorridente, leve como a espuma, chilreante como um passarito, cheia de mimo e de *charme*, como uma renda — esta diabólica artesita de de Gardy Arriaga, que nos enfeitiça e, quasi sem nos bulir com o cérebro, se nos agarra aos olhos e se nos radica no coração...

Não se calcula o que, insistindo e cultivando-se, trabalhando com afinco, desenhando com tenacidade, Gardy Arriaga poderá vir a dar, dentro do âmbito que a sua aptidão lhe vincula nestes trabalhos de início, procurando colhêr e apontar, com o lápis, mais que as expressões fisionómicas, os corpos, os movimentos, a elegância, o ambiente e a vida dos seus modelos; como não é fácil vaticinar-se-lhe, o lugar decisivo, que, em Arte, por direito próprio e direito de conquista, Gardy Arriaga, não se asfixiando com fumos de incenso — sabendo o que vale, mas não esquecendo o que só o esforço a poderá fazer valer — virá a ocupar, senão en-

Pitoresco, risonho espectáculo o destes «plotinozinhos» que «*não querem ser aquilo que êles não sabem o que é*», que «*não querem ser aquilo que se não pode saber o que é*», pois tal é a tradução exacta daquilo que êles desejam e proclamam... O espírito não ser matéria, tal coisa significa, com efeito, reduzido a miúdos, «*que aquilo que nós não sabemos o que é não pode ser aquilo que nós não sabemos o que é*», exprimindo-nos em linguagem metafísica... Ou, se o leitor quiser: «O Noumeno, (a coisa em si), que não podemos saber o que é, não pode ser espírito, o qual também não sabemos o que é». E' a isto que se chama espiritualismo: a isto, tal qual, sem tirar nem pôr. E é em nome disto que se protesta contra a matéria, a sórdida, a vil matéria...

... O famoso caso da Metafísica e seu «Cão Amarelo», que

eu contarel em momento oportuno aos leitores...

\* \* \*

Leitor: abandonemos para sempre êstes estafados Lugares-Comuns, estas «pudícias» anti-materiais, êste snobismo tólo da aristocratização do espírito, estas «iluminações», extasis e outras coisas em absoluto vãs de sentido, porque tudo isso é, afinal, a verdadeira e real «mecanização» intelectual... E se os «plotinozinhos» quiserem ainda continuar fazendo foot-ball com suas bolas vazias, passemos então desdenhosamente à frente...



tre as raparigas do seu tempo e da sua terra, que se ageitam nestas prendas caseiras de fazer coisas bonitas com a ponta dum lápis, duas dedadas de tinta, um pedaço de barro, um farrapo de tela ou uma folha de papel — mas entre as raras mulheres portuguesas, que desde Josefa d'Óbidos até à Aurélia de Sousa — para só falar nas mortas — têm um lugar privilegiado entre os grandes artistas portugueses...

Nem os homens nem as artes se medem aos palmos — e porque são bem pequerruchinhas as cabecitas que Gardy Arriaga agora rabisca, quasi sem ter aprendido desenho, eu não trocaria qualquer delas, nem à quinta facada, se fôssem minhas ou as tivesse assinado, pela avantêsmica bizarria da fachada do Eden — que para me encanzinar e me fazer perder-lhe de todo o respeito, o Eduardo Scarlatti, ainda outro dia, em casa do «Diabo», pôs nos bemitos e bem retorcidos cornos da lua...

XXX

## Movimento Editorial

- «*Seara Nova*» editou «*Sobre as verdadeiras e falsas riquezas*», do Padre António Vieira, opúsculo que António Sérgio prefacia.
- A mesma editora publicou «*Democracia*», de que é autor António Sérgio.
- *Saiu há pouco* «*O Galá de Alcântara*», de Armando Ferreira, que é o terceiro volume da série «*Lisboa sem camisa*».
- Com o título «*Cinzas da nossa alma*», *saiu um livro de pensamentos soltos de que é autor José dos Santos Cabral*.
- «*Refúgio*» é o título de um livro do falecido poeta Bernardo de Passos, agora dado a público com um prefácio de Fidelino de Figueiredo.
- «*Mar Alto*» é o título de um romance que Vinha dos Santos prepara.
- «*Breve Comentário à Corografia Portuguesa*» é o título de um opúsculo de que é autor A. de Almeida Gomes.